

Índices alarmantes

Poucos dias depois que a Fundação Getúlio Vargas divulgou os dados relativos ao Produto Interno Bruto do País em 1990, apontando a maior retração já registrada pela entidade, novos e alarmantes indicadores sobre a crise econômica brasileira são divulgados pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Segundo esta instituição, a produção industrial dos estados economicamente mais dinâmicos registrou uma queda acentuada no período compreendido entre janeiro do ano passado e o mesmo mês de 1991. A recessão atingiu com maior intensidade o estado de São Paulo, cuja produção caiu 20,15%.

Os percentuais apurados pelo IBGE confirmam o que os principais agentes econômicos já sabiam: a recessão econômica iniciada em meados do ano passado (descontando-se aí o impacto inicial do Plano de Estabilização adotado pelo Governo Federal logo após a posse do Presidente da República) agravou-se no início deste ano, justamente no momento em que ocorre uma redução sazonal das atividades. Como não poderia deixar de ser — a menos que o País tivesse um padrão inteiramente diverso do vigente quanto às relações entre capital e trabalho e contasse com outra forma de relação entre o Estado e a sociedade —, a redução da produção industrial manifestou-se de imediato numa retração do nível de emprego. Em consequência, a Fundação Seade e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos apuraram um crescimento de 12,1% no

desemprego na Grande São Paulo, durante o mês de fevereiro. Isto significa que 108 mil assalariados perderam seus postos de trabalho.

MAR 1991

Não é necessário grande esforço analítico para perceber que a situação é extremamente grave. Depois de uma década de estagnação, o Brasil não pode avançar rumo ao terceiro milênio com uma economia em regressão. Mesmo que as grandes rebeliões populares sejam coisa do passado, como sugerem alguns cientistas políticos (o que, aliás, é algo discutível), a recessão prolongada e profunda é extremamente perigosa. Para uma parcela da população, ela significa perdas assimiláveis, mas para a grande maioria representa o exílio nos domínios da pobreza absoluta.

A situação só não é mais séria porque surgem os primeiros indícios de retomada das atividades. São indicadores ainda ténues e parciais. Certos segmentos industriais já registram aumento no volume de encomendas, e a pesquisa de emprego da Federação das Indústrias de São Paulo, que abrange um período mais recente que o do levantamento Seade/Dieese, indica que nas duas primeiras semanas de março ocorreram recontratações que, entretanto, não foram suficientes para reverter a tendência geral, uma vez que, em conjunto, as demissões ainda foram em maior número. Os dados relativos ao Distrito Federal não estão disponíveis, mas sabe-se que, com algumas nuances, reproduzem a situação nacional.